

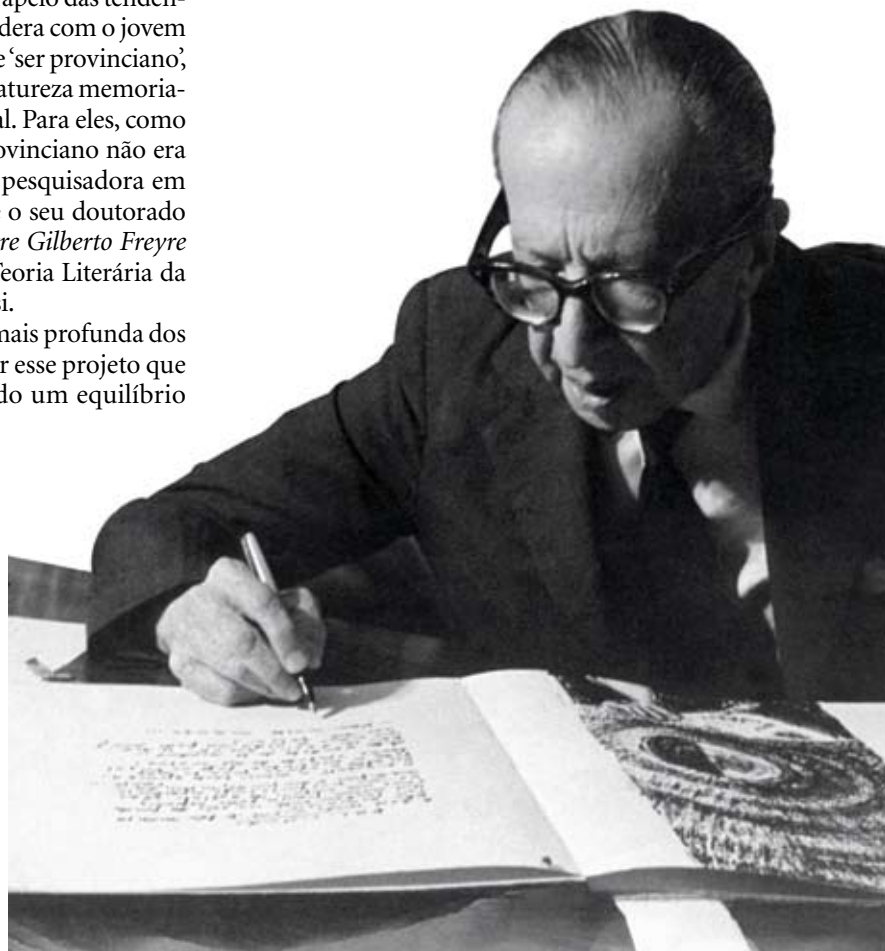
Meu caro Baby Flag!

A troca de cartas e projetos entre Manuel Bandeira e Gilberto Freyre

“**C**onheço um sujeito de Pernambuco, cujo nome não escrevo, porque é tabu e cultivava grandes pudores esse provincianismo. Formou-se em sociologia na Universidade de Columbia, viajou a Europa, parou em Oxford. Vai dar breve um livrão sobre a formação da vida social brasileira. Pois timbra em ser provinciano, pernambucano, do Recife”, escreveu Manuel Bandeira (1886-1969) na crônica “Sou provinciano” de 1933. Com economia característica o poeta, em poucas linhas, deu o currículo do grande amigo, Gilberto Freyre (1900-1987), anunciou *Casa-grande e senzala* (lançado no final daquele ano) e, de quebra, deu-se ao luxo de deixar “escapar” para os leitores do jornal o projeto intelectual secreto que os dois mantinham em sua correspondência: a paradoxal, moderna e saudável universalidade de ser provinciano. “Um dos pilares da literatura brasileira, Bandeira indica, a contrapelo das tendências vanguardistas do seu tempo, que aprendera com o jovem amigo, Freyre, a moldar o seu sentimento de ‘ser provinciano’, que, para eles, era o veio comunicativo de natureza memorialista e de profunda relação com o meio local. Para eles, como se percebe nas cartas que trocavam, ser provinciano não era pejorativo”, explica Silvana Moreli Dias, a pesquisadora em teoria literária que defendeu recentemente o seu doutorado *Cartas provincianas: a correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira* no Departamento de Teoria Literária da USP, orientada pela professora Viviana Bosi.

“As cartas possibilitam a compreensão mais profunda dos autores e de suas obras e ajudam a entender esse projeto que mantiveram em conjunto. Nele, mantendo um equilíbrio

precário entre regionalismo e universalismo, modernidade e tradição, localismo e cosmopolitanismo, eles elaboraram discursos que revelam os limites dos valores progressistas, racionais do capitalismo que, acreditam, aprofunda o individualismo e rouba a experiência”, observa a pesquisadora. A correspondência, boa parte inédita, reúne cartas, postais, desenhos e telegramas, uma parceria epistolar iniciada em 1925 e que se estendeu até 1966, espaço para discutirem literatura, política, ideias sobre a vida, alfinetar desafetos e pensar o Brasil. “Nas cartas, o miúdo da vida cotidiana é desfiado de um para o outro: de um lado o recense



Manuel Bandeira e Freyre (acima): amizade feita na troca de correspondências e de projetos



FOTOS ARQUIVO/AE

radicado no Rio, Bandeira, aproveita para travar relações com sua terra e se ‘provincializar’. Do outro, o recifense cosmopolita, Freyre, pode viver e quase presenciar os burburinhos das rodas intelectuais do Rio de Janeiro”, conta Silvana. A intimidade era grande e bem-humorada. Bandeira vira, nas cartas, Baby Flag ou Seu Nenê, entre outros apelidos. Curiosamente, essa relação iniciou-se exatamente por uma troca de cartas quando, em 1925, Freyre pediu ao poeta para escrever uma evocação ao Recife a ser publicado no *Diário de Pernambuco*. Sem querer, o sociólogo havia tocado num ponto nevrálgico da sensibilidade intelectual do amigo. “Quando penso na minha meninice em Recife com os anos da minha vida adulta fico, espantado do vazio daqueles últimos em comparação com a densidade daquela quadra distante”, escreveu Baby Flag. Freyre, sabiamente, percebeu que havia ali um caminho intelectual a ser trilhado pelos dois: “Seu Nenê, diga sério quando é que você vem para cá. Precisa ver engenho, andar pelo Pernambuco de dentro e não ficar com a impressão única do Recife a lhe boiar na lembrança”, pediu ao poeta.

“Estabelece-se, então, um diálogo intenso entre eles e um aprendizado do artista consolidado que era Bandeira com o jovem Freyre. As cartas mostram como o Nordeste do sociólogo e o ‘Sul’ de certo grupo modernista tinham zonas de confluência”, analisa Sonia. Eles se encontraram pessoalmente um ano depois, em 1926, quando Freyre viajou ao Rio. “Vou visitar Bandeira. Santa Teresa. Lindo lugar, mas casa de pobre. Quando digo quem sou, desata numa risada que deixa à mostra a dentuça famosa. Ninguém mais pernambucano. Como nos correspondemos há mais de um ano sinto como se fôssemos velhos amigos”, anotou Freyre. “A correspondência entre os dois vem num contexto em que intelectuais e artistas procuravam ampliar seu círculo cordial e fazer da conciliação entre modernidade e tradição um projeto que, de certa forma, era emblemático da mistura de modernização e conservadorismo que era o Estado Novo.” Segundo a pesquisadora, a diferença de idade entre os dois e a fama consolidada de Bandeira fazem aflorar, nas cartas, aspectos diferenciados e mais íntimos de cada um deles. “Bandeira foi um dos poucos que escapavam da fúria

quixotesca do jovem aspirante a escritor. Diante do escritor sóbrio e discreto, o futuro ‘mestre de Apipucos’ tem uma escrita mais simples, sem os torneios semânticos de seu estilo barroco. É um ideal franciscano de vida e escrita.” Do lado de Bandeira, a liberdade de falar do cotidiano com lirismo como na carta em que descreve um prosaico passeio a Cambuquira e Campanha, onde o poeta morara: “Há lá uma rua que é um encanto: tão genuinamente brasileira, tão boa, dando vontade de morar nela. O passeio foi de noite com o luar. Diante das duas casas onde morávamos, e onde passei o Diabo, me senti valado, com um nó na garganta”. Não havia assuntos tabus.

4Os médicos vivem me falando para ir à montanha. Tenho apreciado a estada aqui. Há tempo que eu não me via cercado de verde, há tempo que eu não desfrutava do prazer de um cavalo pastando na rua”, contou Baby Flag, falando de uma de suas viagens terapêuticas em função da tuberculose que o acometia desde 1904. “Espero que a gripe tenha passado de banda por você, indo se regalar nos gordos, que é, aliás, a gente mais do gosto dela”, respondeu

“A verdadeira
vocação do g nio
não   a pintura,
  a burocracia.
Infelizmente,
nenhum
estadista nacional
reconheceu
isso ainda”
[Baby Flag]

“Estou
empregando
economias na
compra de livros
sobre a vida íntima
do Brasil, sobre
a família e voc e
  um dos raros
a saber”
[Gilberto Freyre]

brincalhão o amigo sociólogo. O poeta sempre retribuiu esse carinho do amigo, ajudando-o em tudo o que podia, de hospedagem no Rio ao envio de livros para os EUA, onde Freyre fora estudar, ou mesmo contar, em tom paternal, o sucesso nacional de *Casa-grande e senzala*. “O sociólogo está na ordem do dia com a publica o da grande Casa-Grande. Ficou um bich o de bom aspecto que está sendo conhecido como o Ulisses pernambucano. O que ficou bem safadinho foram os clich s das fotografias”, escreveu Flag em 1934. As cartas revelam como foi fundamental a sua ajuda para a escrita da obra de Freyre e mesmo para ajudar o sociólogo a se estabelecer profissionalmente no Brasil, mesmo que “puxando suas orelhas”. “O mestre de Recife anda nos preocupando muito, porque está nos parecendo que ele anda com pouca vontade de dar as caras por aqui para ensinar sociologia na nova universidade. Veja se adia o curso prometido aos estudantes da  e vem. Quem sabe a mudança de ares acaba de vez com essa furunculose que o tem azucrinado?”

Então,   para Baby Flag que Freyre revela, em 1929, o seu maior projeto numa carta que trazia a ressalva: “Vai esta com nota de confidencial”. E segue: “Estou empregando economias na compra de livros sobre a vida íntima do Brasil, sobre a família. Esse trabalho (e voc e   um dos raros a saber) prende-se a um estudo, sob o ponto de vista psicológico e histórico, que há anos me prende; um estudo que teria de começar pela vida de menino entre os nossos índios.   campo original, virgem e não seria para ser tratado literariamente. Depois de falar dos índios, viriam capítulos sobre os colonizadores etc. Voc e tem que me ajudar com sua rara inteligência. Muita discri o para os literatos não saberem”, anunciou Freyre, a composi o futura de *Casa-grande e senzala*. O horror aos “literatos” tinha ainda outras razões: “Disse-me ontem o J. que ouvira numa roda de intelectuais que não era possível que eu fosse o assombro que dizem que sou, de saber, sendo tão bo mio. Isso porque sou visto em pensões de mulheres, em clubes populares.   uma verdade esse meu jeito de impregnar-se de vida brasileira como ela   vivida pela gente simples, pela negralhada, que os requintados falam como se fossem de outro mundo”, queixou-se o sociólogo. “A história dessa província calcada (no sentido de pisada, ligando-se   terra, mas também menosprezada e reprimida) nas

mãos de Freyre e Bandeira guarda semelhança com a força com que ambos procuraram trazer o elemento marginal, como a herança africana, para o centro do debate artístico e intelectual”, analisa a pesquisadora. “Para eles, não   sem contradi es que vivem essa aproxima o com o povo. Acercam-se da cultura popular e da bo mia, mas não deixam de viver os resquícios do aristocracismo como marca pessoal. Tenho d vidas se a experiência política de ambos foi propriamente democrática.” As cartas também não mentem sobre isso, em especial sobre o favorecimento das benesses da ditadura getulista.

“**J**aime Ovalle continua o mesmo. O g nio esteve para ser professor em Lambary. Agora está cavando emprego com a revolu o (1930). A verdadeira voca o do g nio não   a pintura,   a burocracia. Infelizmente, nenhum estadista nacional reconheceu isso ainda”, amargou Flag, desconhecendo ainda a “sabedoria” de Vargas nestes assuntos. Aos poucos, a partir de 1945, a correspondência fica mais lac nica, mais sauda es do que cartas, com algumas exce es. “Estou deprimido com os acontecimentos políticos (a renúncia de Jânio Quadros, em 1961). Que Brasil este! Como   difícil am -lo. Entreguei os pontos. Seja o que Deus quiser”, lamentou Bandeira. Ou quando se revela, nas cartas, o projeto de se trazer Thomas Mann ao Brasil. “Meu caro Flag. Alguém mandou um artiguete meu, em que sugiro uma homenagem ao Thomas Mann, filho de uma brasileira, a  nas nossas terras. Parece que o velho comoveu-se, dizendo que a ideia era de sua inteira satisfa o. O que fazer? Pe o a voc e e outros cajones tornar essa homenagem uma realidade”, pediu Freyre ao amigo. Por fim, a morte de Bandeira, em 1968, não sem antes enviar ao sociólogo uma carta com um desenho feito por ele do seu apartamento, recordando, talvez, os tempos em que tentou ser arquiteto. “Aqui voc e tem, canhestramente esquisada, a vista que tenho do meu apartamento. O aluguel passou de 650 para 3.000! Mas vale a pena. O sol entra de manhã pelo quarto e vai puxar as roupas no armário. A paisagem   uma feijoada completa: aeroporto, portozinho de lanchinhas e até uma casinha lacustre com c o de guarda. Disponha. Do seu, Baby Flag.” ■

CARLOS HAAG